

VISITA A SEIDE

Visita a Seide em Novembro. de 1914. Um largo triste com alguns carvalhos decepados, uma cruz e duas casas, uma em frente da outra. A casa amarela de Camilo cai aos pedaços: as janelas em cima têm os vidros todos partidos; as grades em baixo parecem grades de prisão. Mostram-me de fora a sala de bilhar onde ele se matou e o cano do fogão onde ele se aquecia. Um buraco – casa para uma tragédia ou. para um crime. Ao pé os carvalhos decepados e reduzidos a torresmos têm atitudes de humano desespero: não gritam porque não podem gritar. Entro a medo no quintal: o terreiro, a acácia de Jorge, e logo ao lado da porta o banal monumento de Castilho. Subo as escadas. Toco na árvore que o chamava, batendo-lhe nas janelas nas noites de trágica ventania. Porque se recusou Camilo a ouvi-la? Era a natureza humilde a chamá-lo, a natureza sem sobressaltos para todos os que aceitam a vida e cumprem a vida. Lá dentro, aquele homem reduzido à dor, curvado sobre os eternos papéis; *cá fora*, a acácia a bater-lhe devagarinho nos vidros, no silêncio da noite e no isolamento da aldeia...

Entro: tudo isto se desagrega: as paredes com fendas, os soalhos sujos e gretados, o fogão comido de ferrugem. A casa está desabitada. Nem um vestígio de ternura neste buraco, donde ele saía, de combinações de dramas e de combinações de dinheiro, para correr a cavalo as batotas de Famalicão e de Guimarães. Aqui escreveu alguns dos seus melhores livros, os *Serões*, as *Novelas do Minho*, a *Brasileira de Prazins*. Aqui maquinou o rapto da órfã, que veio a acabar com olhos de espanto entre seres que não podia compreender nem amar, Camilo, D. Ana, o doido. Aqui cumpriu a condenação perpétua de escrever, de escrever sempre, com uma pala sobre os olhos, contando o seu drama e os dramas alheios, passando sem transição das lágrimas para o riso e do riso para o sarcasmo, até à última hora e até à última gota. Estou a vê-lo entrar por aquela porta dentro – e tenho medo desta grande figura dolorida. Mete-me medo mesmo depois de morto. Vejo diante dos meus olhos o fantasma quase cego, com a boca amarga, só osso e pele, só osso e desespero.

Defronte fica a casa do Nuno, a que Silva Pinto lançou os alicerces, começando a levantar-lhe a alvenaria. Nela moram os netos de Camilo e se guardam algumas recordações do grande escritor: os seus livros – duzentos volumes –, a sua cadeira e papéis. Os netos nunca leram ou nunca compreenderam a obra do avô. A uma, Flora, foi preciso alguém dizer-lhe que Camilo escrevera o *Amor de Perdição* (A. de Figueiredo) e estes, folheando, um álbum, dizem: – O Camilo... – Um, mostrando o retrato do primeiro marido de D. Ana, aponta a rir-se: – Cá está o Pinheiro... – Nas paredes, fotografias e bilhetes-postais – Camilo, Afonso Costa, Azeitão, o retrato de D. Ana Plácido, já espapaçada, o retrato de Nuno com olhos de doido, o retrato romântico de Camilo, oferecido à sua companheira de cárcere. Isto pega-se?... Tenho a impressão de que estou isolado no Mundo como nunca estive. Não é a aldeia – é a dor. Não é o largo com a cruz e os carvalhos mutilados – é a atmosfera de desespero. Acabo por fugir deabalada no carro: – Depressa! depressa! – com uma opressão horrível no peito. Aqui, a desgraça anda no ar. E ainda por cima o cocheiro todo o caminho me faia com familiaridade no Nunes (o Nuno), que ele conheceu muito bem: – Era um pândego! Todas as noites jogo e bródio em Famalicão. Gastou tudo... – e conclui: – Foi pena morrer tão cedo de venéreo. – Depressa! depressa! – Atrás de mim ouço risadas e chufas e clamores a perseguir-me. É o fantasma imenso que enche tudo isto de dor e de sarcasmo.

*

Deus foi um dos grandes problemas da sua vida. É um dos problemas fundamentais da nossa vida. Mas o drama representado no tablado daquela alma assume proporções desmedidas. Primeiro afirmou-o, negou-o depois, sempre com a mesma violência. Supõe-no, afinal, a gente dominado e aquela boca amarga desata a rir... Um dia, no Porto, alguns homens ilustres discutiram a existência de Deus, e Camilo encerrou o debate nestes termos:

– Ah! Ele não existe? Então vamos esta noite ceiar ao Palácio com franceses e champanhe!

Mais tarde, Guerra Junqueiro, ao sabê-lo desesperado. procurou-o em Seide, para lhe pregar Deus. Ele respondeu-lhe com ironias. Já o seu mundo moral era um inferno... Ao fim da vida, o homem detém-se e cismo: cada passo que avança lhe mete medo, e a frialdade do sepulcro entranha-se-lhe cada vez mais fundo na alma. Respira-a. Faz-se mais pequeno, talvez para escapar... Ele, não – ele engrandece. Debate-se e grita. Blasfema.

Muitas vezes me detenho e o interrogo. O riso não me mete medo, nem as lágrimas, mesmo quando o devoram; o que mete medo é esta atitude, diante da sombra cada vez maior e das trevas eternas que se acumulam e o envolvem. E notem que cada vez o amo mais, cada vez que pego num dos seus livros me sinto envolvido num turbilhão que me arrasta para onde ele me quer levar. Todos os outros escritores recuam de plano; só esta figura atormentada toma a rampa e enche o palco todo. Meu pai chorou com ele; eu choro com ele, e tenho pena de não ter filhos para, vivos e mortos, comungarmos das mesmas lágrimas.

A sua vida está de tal maneira entranhada na sua obra que não há que separá-las. Desde a fuga à tia Caldeirão, às paixões, ao cárcere – duas vezes preso – até à tragédia de Seide, é sempre o mesmo drama, que, no isolamento da aldeia, chega ao ápice da tragédia. É ali que a sua alma se debate na escuridão cerrada. À dor física junta-se a dor moral. E é exactamente quando já não crê que na sua vida intervém, como em Shakespeare, uma nova figura – o fantasma. «Em 1863 nascia Jorge Camilo e morria Pinheiro Alves, e Camilo (ao tempo na casa de saúde do Largo do Monteiro, onde escreveu a dedicatória de *O Bem e o Mal* e uma carta a Ernesto Biester sobre Joaquim Pinto Ribeiro, inserta nos *Esboços de apreciações literárias*) sentia no mesmo passo uma inexplicável sensação de asfixia, como se mão invisível procurasse estrangulá-lo (Alberto Pimentel e João de Meira). – Luzes! muitas luzes! – reclamava. Antes de adormecer procurava o fantasma nos recantos escuros da casa. Em vão. De repente. a boca amarga ria.

Em 1875 o seu mal agrava-se, o fantasma não o deixa, não pára um momento. Vai de Seide para a Póvoa, da Póvoa para Braga, para Guimarães, para o Porto, sem encontrar sossego nem descanso. O que eu dava para o ver neste último período e, ao mesmo tempo, para fixar o debate na escuridão, e o terror, misturado de escárnio, quando sentia as mãos do outro a apertarem-lhe a garganta e a asfixiá-lo! O sarcasmo é sempre diabólico, o sarcasmo diante da vida é a risada horrível de Mefistófeles. A não ser que o sarcasmo seja um produto de dor; só se resulta de lágrimas, só se é tão amargo que represente dor concentrada, e, melhor ainda, a dor dos que não querem mostrar quanto sofrem. Suponho eu que o riso de Camilo seria deste quilate. Ria-se do fantasma – e da sua alma, da tragicomédia da vida. Quando o seu mundo moral era uma derrocada, vinha-lhe o protesto em golfadas à boca, com sabor a fel.

Em roda desta grande personagem, o isolamento; em roda, os montes e, mais perto, D. Ana, os filhos doidos, todos enrodilhados no mesmo desespero, atirando-se à cara palavras, ditos, impropérios. Para compreender bem isto é preciso ler os bilhetes

que o grande escritor e a mulher escreviam um ao outro, de sala para sala, em papéis de acaso... (Sebastião de Carvalho). Depois, choravam, depois, ele blasfemava ou passava toda a noite sem fim debruçado sobre os livros, porque não conseguia dormir. Depois, fugia. Fugia, talvez, ao fantasma que o não largava nunca – Judeu Errante amaurótico num mundo de acaso sem uma luz interior a alumia-lo.

Porque os fantasmas, uma vez criados, nunca mais nos deixam. Acompanham-nos toda a vida. Gerámo-los com os nossos actos, chegando a ter uma existência muito mais real e tangível do que a dos outros seres com quem todos os dias lidamos. Por fim dominam-nos.

Camilo escusava de se rir deles ou de sair de Seide. Escusava de os procurar por os cantos e de pedir luzes que os afugassem. O que numa alma vulgar se reduz a fogos-fátuos, neste grande homem, só osso e nervos, redobra de intensidade, torna-se imenso e tangível. Todas as raízes que arrancou pela vida fora lhe deixaram buracos em carne viva. Chegou assim ao ponto em que lhes pertence definitivamente. Sua alma é o domínio dum outro mundo de fantasmagoria e dor. Não pode mais, e julgamo-lo enfim prostrado. Erro. Levanta-se a toda a altura, e nem a morte lhe mete medo, nem os fantasmas o subjugam. Feixe de nervos a vibrar, aquele homem ergue-se diante das forças absurdas e não cede: desafia o destino e luta com todas as sombras. Mesmo cego, grita e protesta, interroga e debate-se: – Há Deus? Não há Deus – há sofrimento: dor e fantasmas. Aqui estão todos à minha volta... Que é a vida? – Uma blasfémia, um grito. – Isto não tem fim nem destino. É um absurdo. – Uma gargalhada – uma bala nos miolos.

Era tempo. Já ninguém podia aturar aquele farrapo dorido. E nem ele se podia aturar a si mesmo. Quando se matou, houve talvez em roda um suspiro de alívio. A própria natureza se sentiu apaziguada.

Na sua obra não há uma árvore – anota Junqueiro. Há. Há na sua vida aquela árvore que teimava em lhe bater devagarinho na vidraça, aquela acácia que é um dos grandes actores desta tragédia, apesar de lhe caber um papel tão modesto que não pronuncia palavra. Noite cada vez mais negra, silêncio cada vez maior... E ela aí tornava a tocar, muito baixinho, nos vidros. Debalde. Ele não a podia ouvir...

Raul Brandão, *Memórias II*